



# CRITÉRIOS PARA UMA ÉTICA COMUNITÁRIA SEGUNDO ENRIQUE DUSSEL

## CRITERIA FOR A COMMUNITY ETHICS ACCORDING TO ENRIQUE DUSSEL

André Luis P. Mousinho<sup>1</sup>

Eder Vasconcelos<sup>2</sup>

**Resumo:** Critérios para uma ética comunitária descreve a proposta de um *ethos* libertador segundo o filósofo latino-americano Enrique Dussel, é o pressuposto desta modesta pesquisa. Expressões tais como: *face a face*, *frente a frente*, expressa de maneira singular o pensamento ético cunhado pelo filósofo argentino. A ética esboçada por Dussel nada mais é do que afirmação/confirmação da vida sobre toda espécie de opressão e exclusão no continente. Partindo do princípio cristão o amor ao outro é a nova lei, isto é, a lei ética por excelência. Por fim, a ética da libertação ou *ethos* libertador está precedida da práxis, ou melhor, de uma ação sociotransformadora da realidade.

**Palavras-chave:** Rosto. Ética. Libertação. Proximidade.

**Abstract:** Criteria for a communitarian ethics describes the proposal of a liberating *ethos* according to the Latin American philosopher Enrique Dussel, and is the premise of this modest research. Expressions such as *face to face*, *face to face*, express in a unique way the ethical thought coined by the Argentine philosopher. The ethics outlined by Dussel is nothing more than the affirmation/confirmation of life over all kinds of oppression and exclusion on the continent. Starting from the Christian principle, love for the other is the new law, that is, the ethical law par excellence. Finally, the ethics of liberation or liberating *ethos* is preceded by praxis, or rather, by a social action that transforms reality.

**Keywords:** Face. Ethics. Liberation. Proximity.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia, Pós-graduado em Ciências Sociais da Religião e professor de Filosofia na Rede Pública. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5664815396109070>.

<sup>2</sup> Licenciado em Filosofia, Bacharel em Filosofia e Teologia. Pós-graduado em Ciências da Religião e professor de Teologia Pastoral. Atua na formação pastoral e espiritual de leigos e leigas na Arquidiocese de Manaus. E-mail: [amigodosanjos@hotmail.com](mailto:amigodosanjos@hotmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho almeja nas suas entrelinhas apresentar uma visão sintética das principais ideias de uma ética comunitária segundo o filósofo latino-americano Enrique Dussel. Hoje, quando se fala em ética, pensa-se em um conjunto de princípios e valores que uma pessoa ou um determinado grupo possui.

Neste trabalho, almeja-se expor uma ética, ou melhor, um *ethos* pensado a partir dos empobrecidos, isto é, homens e mulheres excluídos e, até mesmo, considerados descartáveis pelo sistema vigente. O *ethos* sonhado por Dussel tem como ponto de partida o próprio contexto latino-americano. Não é um *ethos* importado. Ele surge na América Latina. O *ethos*, como se sabe, é a morada do humano. É casa comum de todos. É uma morada por ser uma habitação digna e justa, o que é inerente a toda pessoa humana.

Assim, este ensaio procura esboçar as categorias, ou melhor, as diretrizes fundamentais do tão sonhado *ethos* libertador latino-americano. Além disso, responde questões essenciais, a saber: O que é *ethos* libertador? Onde ele surge? E porque falar dele hoje? Portanto, este trabalho é uma chave de leitura sobre a ética dusseliana.

## 2 UMA PARÁBOLA PARA FALAR DO *ETHOS* LATINO-AMERICANO

A parábola existencial vinda do mundo rabínico expressa bem o sentido da ética, ou melhor, do *ethos* latino-americano cunhado pelo filósofo Enrique Dussel. Martin Buber conhecedor das histórias rabínicas conta que:

Certo dia um rabi perguntou a seus discípulos como se distingue a hora que acaba a noite e começa o dia. - É Quando a gente, de longe, pode distinguir um cavalo de uma vaca? - perguntou um dos discípulos. - Não! - disse o rabi. É quando a gente, de longe, pode distinguir entre uma mangueira e uma laranjeira? - perguntou outro. - Não! - disse de novo o rabi. - Mas, então, quando? - perguntaram em coro os discípulos. E o rabi respondeu. É quando se pode olhar no rosto de uma pessoa e ver nela um ser humano. Enquanto não se aprender a ver assim, ainda é noite dentro do nosso coração. (BUBER, *In*: Revista GRANDE SINAL n. 48 (1994), p.751).

As últimas palavras do rabino são intrigantes, questionadoras, apontando para a realidade mais profunda do ser humano: “É quando se pode olhar no rosto de uma pessoa e

ver nela um ser humano. Enquanto não se aprender a ver assim, ainda é noite dentro do nosso coração”. O que é um ser humano? O que é ser pessoa? Milhares de homens e mulheres que vivem na América Latina não tem identidade, não são reconhecidas como seres humanos. São seres descartáveis. Qual é a ética implícita nesta história, nesta parábola? Há uma realidade de trevas e luz, noite e dia, que perpassa o continente. Noite e dia, duas realidades para falar da existência do ser humano no aqui e agora.

Quantas pessoas humanas desfiguradas pela opressão e pela injustiça no continente latino-americano. Quem olha para seu rosto é capaz de reconhecer que ali existe um ser humano de verdade? Sem esse olhar de reconhecimento pode-se dizer que não existe iluminação. Dizendo de outro modo, sem essa alteridade que reconhece o outro como pessoa é impossível trilhar o caminho da libertação. Será que o rosto de muitos latinos reflete o ser pessoa? Aquilo que desde o início ele ou ela foi chamado a ser: pessoa humana. Ou muitas vezes se olha para eles como se fossem animais. O outro enquanto outro interpela a reconhecer a sua dimensão de singularidade e transcendência. O filósofo judeu, Emmanuel Levinas, em uma entrevista intitulada “Violência do rosto” disse certamente:

Tenho descrito o rosto do próximo como portador de uma ordem, que impõem ao *eu*, diante do outro, uma responsabilidade gratuita – e inalienável, como se o eu fosse escolhido e único – e o outro homem é absolutamente outro, isto é, ainda incomparável e, assim, único. Todavia, os homens que estão à minha volta são tantos! Daí o problema: quem é o meu próximo? Problema inevitável da justiça (LEVINAS, 2014. p, 28).

Eis a pergunta perturbadora: Quem é meu próximo? O rosto do outro que sofre é portador de uma ordem, de um sentido originário. Esse rosto desfigurado pela dor gera uma responsabilidade gratuita, livre. O rosto do outro indaga, questiona *ostatu quo* estabelecido.

### 3 PESSOA: ROSTO, RELAÇÃO, PROXIMIDADE

A ética da alteridade, ou seja, a relação pessoa-pessoa, em Enrique Dussel, tem seu sólido fundamento na tradição hebreu-cristã. Tanto no Primeiro Testamento como no Segundo Testamento encontram-se vários textos bíblicos onde fica clara essa relação de proximidade entre as pessoas e entre o próprio Deus. Em Deuteronômio 34, 10 lê-se: “Não voltou a surgir em Israel profeta semelhante a Moisés, com quem o Senhor tratasse *face a*

*face*”. No livro de Êxodo 33, 11 está escrito: “O Senhor falava *frente a frente* com Moisés”. E, por último, o livro dos Números capítulo 12 versículo 8 assim se expressa: “Com ele falo *face a face*”.

É importante deixar claro que este trabalho não tem a pretensão de fazer uma exegese ou hermenêutica dos textos bíblicos, mas simplesmente mostrar a origem e fundamentação da ética (*ethos*) da alteridade forjada pelo pensador latino-americano. Em nenhum momento pode-se esquecer que Enrique Dussel é filósofo, historiador e teólogo cristão. Ele é cristão engajado na luta pela libertação de seu povo oprimido. Ele próprio explica o embasamento da ética comunitária, ou melhor, do *ethos* libertador quando diz que,

“Face”, “cara”, “rosto” se diz em hebraico *panim*, em grego *prósopon* (de onde vem em latim “persona”). Quando estou com meu rosto frente ao rosto do outro *na relação* prática, na presença de práxis, ele é *alguém* para mim e eu sou *alguém* para ele. O “face a face” de duas ou mais pessoas é *ser* pessoa (DUSSEL, 1986, p. 19).

Pode-se fazer muitas coisas pelo outro, mas sem criar um relacionamento recíproco ele continua um estranho, distante de relação humana amigável. Sem levar em conta o outro é impossível sair da escuridão, da ignorância e da opressão. Reconhecer no rosto do negro, do indígena, do empobrecido, da mulher, da criança e do jovem como um ser humano digno é um dos aspectos principais para iniciar um processo de libertação pessoal e estrutural. Hoje, fala-se muito em libertação, porém com um outro significado. Esta libertação é miraculosa, milagreira, individualista. A libertação que se almeja na América Latina é outra bem diferente. É uma libertação integral. É um processo difícil, mas não impossível. Requer reflexão e práxis de vida. Desconstruir o sistema capitalista perverso que afeta nossos povos é um processo lento e demorado.

A passagem existencial da noite para o dia ainda está longe de acontecer na América Latina. Pois, ainda se olha o diferente como inimigo. Como alguém sem importância e sem valor. Em Manaus há muitos haitianos e venezuelanos que vieram em busca da reconstrução de sua vida, mas, quem é capaz de olhar para eles e ver em seu rosto um ser humano com plenos direitos e deveres? A Filosofia Latino-Americana não é discurso descontextualizado, é prática concreta. Seu lugar, sua episteme (*ciência*) é a própria América Latina e não a Europa.

Estar face a face com Deus e estar face a face com o outro constitui aquilo que de mais genuíno a vida cristã tem a oferecer ao ser humano. É a partir do face a face do povo em seu viver diverso e plural que se constrói a filosofia da libertação. Dussel acredita que “O amor ao

próximo, ao outro como outro, é a nova lei, a lei ética e comunitária por excelência” (1986, p. 90). Sem essa relação de pessoa para pessoa, não se pode falar de uma ética da alteridade. Assim, alteridade é estar diante do outro que interpela, fala, desvela etc. Na América Latina o rosto do outro é grito sem voz. É expressão da dor que esmaga e fere a essência da pessoa.

#### 4 A ÉTICA COMO AFIRMAÇÃO DA VIDA

O que significa ser pessoa num contexto de globalização-exclusão? Para Dussel alguém só é pessoa quando se está na relação da práxis. É importante compreender que práxis e prático quer significar o ato humano que está direcionado à outra pessoa. Só se é pessoa quando existe verdadeiramente uma relação frente a frente.

O outro se torna pessoa na medida em que cessam as indiferenças, os preconceitos, os juízos etc. Simplificando, o outro segundo Dussel só se torna realmente pessoa quando ele se torna um irmão, uma irmã, um membro da fraternidade universal. Ele afirma categoricamente: “A ética é afirmação da vida a partir da experiência da comunidade, relação de amor-de-justiça entre irmãos” (1986, p. 121). A ética de Dussel é afirmação da vida, ou seja, é uma ética positiva que coloca a vida em evidência. Hoje, em toda a América Latina urge resgatar esta ética que afirma a vida na sua inteireza e completude. A proposta ética de Dussel afirma a primazia da vida sobre a morte. Práxis é ação. A práxis coloca a pessoa em movimento. Ela não é estática, parada, imóvel. A práxis é uma ação *ad extra*, ou seja, projeta a pessoa para uma relação para fora de si mesma. Dussel comenta: “A ética da libertação nasce como uma teoria antecedida e exigida por uma práxis que se opõe ao sistema como totalidade” (1986, p. 259). A ética da libertação ou libertadora nasce como uma teoria, mas, não fica apenas na teoria, na especulação. Ela passa da teoria à prática concreta.

Para o filósofo Emanuel Lévinas o rosto do Outro é critério ético. Ele próprio cunhou a expressão o rosto como “epifania”, ou seja, manifestação da realidade existencial e social da pessoa humana. Dussel estudou e conhece o pensamento de Lévinas, porém, não deixa de fazer uma crítica ao mesmo. Dussel ao propor o método analético diz:

Lévinas fala sempre do outro como o “absolutamente outro”. Tende então para o equívoco. Por outro lado, nunca pensou que o outro pudesse ser um índio, um africano, um asiático. O outro, para nós, é a América Latina em relação às oligarquias dominadoras e, contudo, dependentes (DUSSEL, 1986, p. 196).

Na América Latina há muitos rostos desfigurados pelo processo de globalização-opressão-exclusão. São rostos de crianças, jovens e adultos que desvelam a nudez da fome, do desemprego, da falta de educação, da exploração sexual, do machismo, do preconceito etc. O texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (Documento de Aparecida) afirma:

Uma globalização sem solidariedade afeta negativamente os setores mais pobres. Já não se trata simplesmente do fenômeno da exclusão e opressão, mas de algo novo: a exclusão social. Com ela a pertença à sociedade na qual se vive fica afetada na raiz, pois já não está abaixo, na periferia ou sem poder, mas está fora. Os excluídos não somente “explorados”, mas “supérfluos” e “descartáveis (2007, p. 39-40).

Os bispos latino-americanos em sua análise crítica da atual conjuntura abordam o fenômeno da exclusão que tem gerado os “invisíveis” segundo o levantamento dos países do terceiro mundo. Tudo isso fruto de uma economia globalizada e excludente. Globalizar a solidariedade é a proposta alternativa que vem do meio popular.

Enrique Dussel bebe da fonte levinasiana no tocante a categoria “rostos”. Porém o rosto para ele é alteridade. Este rosto em Dussel encontra-se situado num contexto de profundas injustiças sociais que atingem diretamente a grande maioria que são os empobrecidos. Márcio Bolda da Silva, seguindo o raciocínio de Enrique Dussel, afirma:

O rosto, como epifania, revela e manifesta que o Outro é sempre alteridade e exterioridade. Constitutivamente o homem possui a nota de uma real alteridade, o que o distingue como ser para o Outro. Sua estrutura físico-psíquica ordena-se para o Outro, porque é abertura à exterioridade. Seus braços e membros locomotores, seus órgãos sexuais, a configuração craniana e o aparato de fonação, enfim, toda a sua somaticidade está estruturada por sua referência metafísica ao Outro (SILVA, 2007, p. 34).

Em Dussel só é possível compreender o conceito, isto é, a categoria de alteridade enquanto proposta ético-metafísica partindo da concepção de rostos, proximidade e face a face. Dizendo de outro modo, para ter uma clara compreensão da ética da alteridade dusseliana é necessário fazer um retorno histórico a tradição hebreu-cristã. Sem esse retorno as fontes dessas duas tradições religiosas milenares é quase que impossível reinterpretar a história latino-americana. Pois, Dussel é cristão e é convicto que a fé cristã não é teoria, mas práxis de vida. Por isso, o face a face, o estar diante do outro é extremamente comprometedor.

Assim, ser cristão na América Latina implica em um novo jeito de ser e de viver eticamente segundo o evangelho. Portanto, o semblante, a somaticidade, a inteireza do outro se constitui em critério para uma ética que promova a vida em todas as suas dimensões.

## 5 O QUE SE ENTENDE POR *ETHOS* LIBERTADOR

A América Latina é um continente profundamente marcado pela exclusão, dominação, marginalização e opressão. Diante dessa constatação ainda é possível sonhar com um processo de libertação integral do ser humano? A história mostra que em todos os tempos surgiram figuras criativas que foram capazes de propor mudanças alternativas diante de estruturas sociais que esmagam a vida dos menos favorecidos. Enrique Dussel, sem dúvida é uma dessas figuras que através da reflexão crítica propõe um novo *ethos*, ou melhor, uma nova relação de responsabilidade e cooperação com a pessoa humana e com o próprio planeta Terra, casa comum de todos.

O mundo passa por uma crise não só econômica, mas também de orientação ética. Como superar esta crise? Enrique Dussel, filósofo latino-americano, a partir de sua prática de fé e vida num continente marcado pela opressão-dominância propõe uma ética comunitária. Com outras palavras, Dussel apresenta sua proposta ética partindo de uma práxis bíblico-libertadora. Como teólogo cristão ele vai buscar fundamento na Sagrada Escritura para sustentar a tese de uma ética comunitária ou coletiva. A ética de Dussel nasce da vivência cotidiana das pessoas. É uma ética elaborada a partir dos pequenos, das “minorias” se é que devemos tratá-los dessa forma.

É sabido que o ponto de partida do método da Filosofia da Libertação é o reconhecimento de um *ethos* cultural latino-americano. O que se entende por *ethos* cultural? Um sistema de valores pensados e vividos, isto é, valores presentes nos estilos de vida práticos, nos hábitos e nos costumes do povo. Dussel define o *ethos* libertador nestes termos:

*O ethos é costume ou caráter. [...] O ethos da libertação, do libertador por excelência, é o modo habitual de não repetir o mesmo; ao contrário, trata-se da capacidade da aptidão ou capacidade feita caráter de inovar, de criar o novo (DUSSEL, 1977, p. 70).*

Na América Latina a formação deste *ethos* é constituído por diversas heranças históricas de elementos das culturas indígenas e negras, árabes-semitas, indo-europeia e da cultura da cristandade colonial europeia. Segundo a proposta de Dussel é necessário filosofar sobre esse *ethos* e a partir dele. E ao mesmo tempo ser capaz de reconhecer a possibilidade de formulação de um discurso original, autêntico e crítico. Na obra *Ética Comunitária* Dussel faz como que uma síntese de sua proposta ética ao dizer:

A ética (antes de tratar onticamente uma multidão de problemas morais) deve esclarecer o fato e a realidade de que “mais além” da totalidade se encontra o outro. A obra *Totalidade e Infinito* mostrou isso a partir da fenomenologia, mas não a partir da economia política (DUSSEL, 1986, p. 260-261).

Ao partir do *ethos* dos povos latino-americanos, o filósofo compreende seus valores e se compromete com defesa da vida dos pobres e oprimidos. À filosofia latino-americana importa compreender os valores, a religiosidade e a sabedoria dos distintos povos que tecem a grade teia da diversidade presente neste imenso continente. Apesar de os europeus terem dominado esse continente pelas armas e pela imposição dos elementos de sua cultura, trata-se de reconhecer que esse domínio não se realizou de modo absoluto. Na América Latina, apesar do predomínio generalizado de elementos da cultura europeia, sobrevive o sempre reinventado o *ethos* das maiorias oprimidas. Dussel, fundamentando sua proposta de um *ethos* libertador, enfatiza:

Descobrir o outro como outro e por-se-junto-a (con-) sua miséria, viver como própria a desproporção de ser livre e sofrer sua escravidão; ser distinto e alguém, e ao mesmo tempo ser só uma parte diferente interna; doer-se com a dor de tal cisão, é a posição primeira do *ethos* libertador (DUSSEL, 1977, p. 70).

O *ethos* libertador nada mais é do que descobrir o outro como outro e colocar-se junto dele. Estar ao seu lado numa atitude de solidariedade e compaixão. A descoberta do rosto do outro conduz a uma proximidade, ou seja, a participar de sua situação de miséria. Essa é a posição primeira do *ethos* libertador. Em última análise, o *ethos* libertador tem como tarefa fundante a descoberta ou redescoberta do outro enquanto outro. É o sentido de proximidade daquele que é esmagado pelos detentores do poder político-econômico na América Latina. Descobrir ou redescobrir na face do outro como ser humano, pessoa é a lição ética que vem da parábola de Martin Buber. Portanto, enquanto não se aprender a descobrir o outro como outro



numa relação de reciprocidade e proximidade ainda é noite no coração do ser humano e da humanidade inteira.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o tamanho da obra do filósofo latino-americano procurou-se ser breve e claro sobre a questão da ética dusseliana, ou melhor, do *ethos* libertador latino-americano cunhado, forjado por Enrique Dussel. Pensar em uma ética que abarque, ou seja, que pense ou repense todo o contexto latino-americano é sem dúvida um grande desafio. Dussel não teme este desafio ao propor uma ética da vida e da justiça embasada no amor. Amor a Deus e ao próximo. Este é a essência do cristianismo sem desvios. Amor a Deus e ao próximo é um amor completo, pleno. Jesus de Nazaré ensinou com uma fanática clareza: “Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: Ame o seu próximo como a si mesmo” (Mt 22, 37-39). Não é possível amar a Deus e esmagar o próximo. Urge falar, pensar, sonhar e agir a partir do espírito da ética libertadora em tempos de grandes mudanças sociais, políticas e econômicas. Uma ética da libertação que contempla todos os aspectos do ser humano é com certeza uma ética integral.

O conceito de libertação em Dussel é amplo. A libertação para ele atinge a pessoa humana e suas peculiaridades e possibilidades. A libertação sonhada para a América Latina continua sendo uma utopia. Ela ainda continua sendo escrava de um sistema que tem gerado grandes sinais de morte. Esses sinais de morte são visíveis através do extermínio de jovens, da violência contra a mulher, do tráfico de pessoas, do trabalho escravo e de tantos outros sinais mascarados por quem controla o poder.

Portanto, Enrique Dussel mostra em suas reflexões que um *ethos* como este se constrói a partir do povo que sofre e que não tem vez e nem voz. Assim, uma ética para o século XXI é uma ética que pensa e repensa em termos globais, locais, nacionais tentando encontrar caminhos de superação da exclusão não a partir dos excludentes, mas dos excluídos, isto é, dos empobrecidos pelo sistema vigente. Nesse sentido, a ética de Dussel é uma ética atual que procura responder as necessidades vitais do ser humano livre, responsável e participativo.

## REFERÊNCIAS

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação**. São Paulo: Loyola, 1977.

\_\_\_\_\_. **Para uma Ética da Libertação Latino-americana**. 5º vol., São Paulo, Loyola: 1980.

\_\_\_\_\_. **Ética Comunitária**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

LEVINAS, Emmanuel. **Violência do rosto**. São Paulo, 2014.

\_\_\_\_\_. **Método Para Uma Filosofia da Libertação Latino-americana**. São Paulo: Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. **Caminhos da Libertação Latino-americana**. 4º vol., São Paulo: Paulinas, 1985.

SILVA, Márcio Bolda da. **O Rosto e Finitude**. São Paulo: Paulus, 2007.

*Recebido em: 29 set. 2021*  
*Aprovado em: 30 out. 2021*